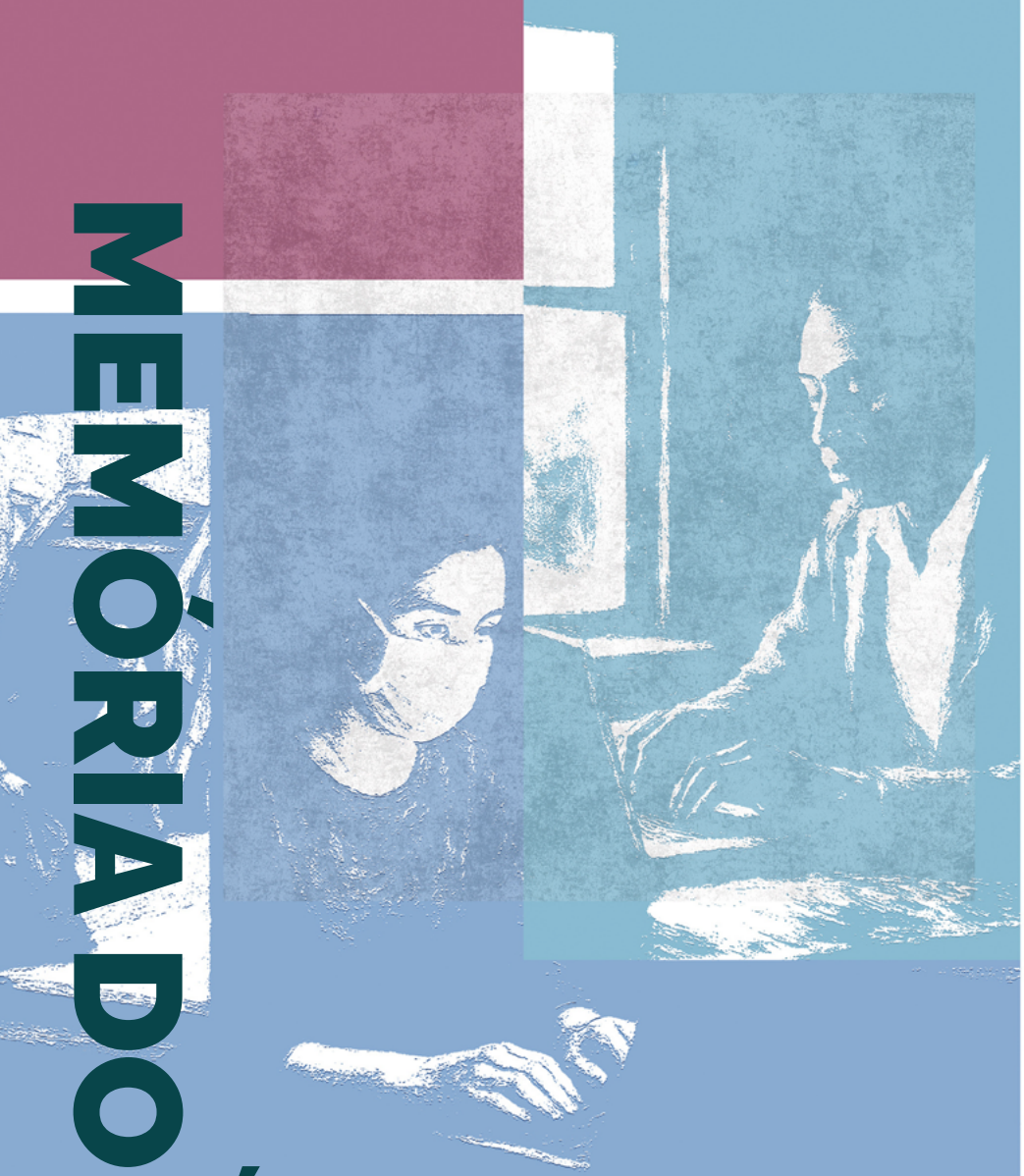
MEMÓRIA DO OFÍCIO DOCENTE

na Pandemia do Covid-19









FERNANDA SPANIER AMADOR
MARIA CAROLINA DE ANDRADE FREITAS
MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
FABIO HEBERT DA SILVA
(Orgs.)

pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M533

Memória do Ofício Docente na Pandemia de Covid-19 / Organização Fernanda Spanier Amador... [et al.]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Demais organizadores: Maria Carolina de Andrade Freitas, Maria Elizabeth Barros de Barros, Fabio Hebert da Silva.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-506-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0

1. Memória. 2. Ofício Docente. 3. Pandemia de Covid-19. 4. Narratividade. 5. Clínicas do Trabalho. I. Amador, Fernanda Spanier (Org.). II. Freitas, Maria Carolina de Andrade (Org.). III. Barros, Maria Elizabeth Barros de (Org.). IV. Silva, Fabio Hebert da (Org.). V. Título.

CDD 371.102

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação – Prática Docente
II. Pandemia - Covid-19
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<*https://creativecommons.org/licenses/*>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Paulo Carim Bevilacqua
Tipografias	Acumin, Raleway, Gloria Hallelujah
Revisão	Milena Domingos
Organizadores	Fernanda Spanier Amador Maria Carolina de Andrade Freitas Maria Elizabeth Barros de Barros Fabio Hebert da Silva

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2026







10

Lívia Ricardo Fernandes
Fernanda Spanier Amador

A POTÊNCIA DA INFÂNCIA:

PARA (UMA) SAÚDE NO TRABALHO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA PANDEMIA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0.10





SUMÁRIO



O QUE AS CRIANÇAS DIZEM E COSMOSENSAÇÕES INÉDITAS

Deleuze em seu célebre texto intitulado "O que as crianças dizem" inicia com a provocação de que as crianças não param de dizer o que fazem ou tentam fazer: explorar meios, traçar trajetos dinâmicos e criar mapas. Por entre potências e modulações, Deleuze (2019) diz que as crianças estão sempre a propor constelações afetivas e a seguir aquilo que a arte também afirma em estado celestial: o devir, o mapa e o intensivo. É seguindo os rastros de Deleuze, que iniciamos este texto no mesmo embalo do filósofo, nos afetando com as pistas que as crianças nos entregam dentro de um contexto de pesquisa clínica do trabalho docente com a educação infantil[1] no cenário da pandemia. Afinal, qual o mapa intensivo de um trabalho docente na pandemia, repleto de intempestividades que demandaram das professoras intensa atividade?

Afeta-nos o fato de que no contexto pandêmico as crianças comparecem enquanto um efeito narrativo e afetivo muito expressivo entre as professoras participantes da pesquisa *Narrativas do Trabalho Docente na Pandemia de Covid-19: pela memória do ofício, práticas de cuidado na educação*[2]. Trata-se de uma presença marcante disso que Deleuze chama de "o que as crianças dizem", e que nos indica algo do conteúdo de um trabalho, bem como da processualidade implicada no exercício do trabalho como atividade. Isto é, dimensão implicada quando da situação entre o trabalho prescrito e o trabalho

1 As pesquisas no campo clínico do trabalho voltam-se para análises da tríade trabalho, subjetividade e saúde sob distintas abordagens conceitual-metodológicas. Em nossa pesquisa operamos com ferramentas situadas, notadamente, no âmbito da abordagem da clínica da atividade (Clot, 2006; 2010; 2021).

2 As pesquisadoras membro da equipe deste projeto e autoras do presente capítulo, receberam financiamento do Edital Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 (Processo CNPq 409825/2021-2) e Bolsa de Mestrado Capes concedida a Lívia Ricardo Fernandes, Código de Financiamento 001.





SUMÁRIO



real, professoras e professores criaram estratégias, assim como se viram impedidos de fazê-lo, tendo em vista a presença da Covid-19.

As crianças, "os bebês", como referem as professoras nas Rodas de Conversa que realizamos na pesquisa, ganharam destaque nas análises geradas a respeito do trabalho docente na pandemia, comparecendo, sobretudo, através da dimensão da infância, dimensão essa que como veremos ao longo desta escrita, ultrapassa e transborda a ideia de "criança", sendo uma dimensão que diz respeito aos adultos que trabalham. Por essa razão, fomos levadas a dedicar um tempo apenas para compor linhas analíticas dessa dimensão da infância que se afirma na experiência laboral do adulto na educação infantil, pinçada por entre os diálogos travados na conversação entre professoras na e pela pesquisa[3]. Sendo assim, o fio condutor das análises presentes nas linhas deste texto consiste no tema das infâncias enquanto conteúdo do trabalho no exercício docente da educação infantil; e infância enquanto dimensão política, filosófica e ontológica transversal envolvida nos gestos e expressões que acontecimentalizam o trabalho docente na educação infantil, esferas essas transversalizadas pela experiência da pandemia de Covid-19, da qual colocou em jogo um intenso rol de modificações e impedimentos da ação, sobretudo dentro do contexto de trabalho com as infâncias.

A partir das formulações de Deleuze, também trazemos para a conversa o filósofo afroperspectivado Renato Noguera, que fundamenta o conceito de infância como sendo categoria que promove nos corpos uma experiência de cosmosensações[4] inéditas diante dos desafios da vida. Assim, iniciamos este texto no qual exaltamos

3 O material que gerou o presente capítulo é oriundo do primeiro dia de conversa com um grupo de cinco professoras da educação infantil. Tratamos aqui de um trecho deste dia, seguindo o fluxo dialógico estabelecido e exaltando um ponto analítico preciso: a potência da infância mobilizando estilização e saúde pelo trabalho docente.

4 Por cosmosensações, entende-se aquilo que abarca uma compreensão de mundo para além do visual, abarcando multiplicidades no modo de apreender a vida, da qual o autor se utiliza para posicionar o conceito de infância.





SUMÁRIO



uma linha analítica que percorre as sutilezas de um trabalho docente realizado com crianças muito pequenas na educação infantil, explorando considerações a respeito de um trabalho, a docência da educação infantil na pandemia, bem como a potência das infâncias na experiência de uma saúde pelo trabalho docente. Por entre os meandros da categoria de "infância", vamos compondo compreensões que nos levam a afirmar que o território imanente e de cosmosensações próprios da infância, conforme nos trazem os nossos filósofos, pode ser um meio de acesso e experiência de saúde e atividade no e pelo ofício que se encontra com as crianças.

MICROPOLÍTICA DO TRABALHO COM AS INFÂNCIAS:
SOBRE INFANCIALIZAR E CRIAR

Referimos infâncias, no plural, ao conteúdo de trabalho dessas professoras, do qual, no curso de sua consecução diária, se encontram com as crianças e suas múltiplas vivências: infâncias típicas e atípicas; infâncias pretas e brancas; infâncias privilegiadas e vulnerabilizadas; infâncias trans e tantas outras multiplicidades de viver o período desenvolvimental primeiro. Já a infância, na sua forma de escrita singular, nos aproxima do conceito de Noguera (2019), que propõe pensarmos infância enquanto dimensão sensorial e política, território da imanência e diferença, delineada pela potência de criação e sensação de ineditismo em um mundo que se revela inédito e surpreendente a cada vez. Toma-se a infância como horizonte cosmopolítico em que se tem a afirmação de um sujeito interrogante. Tão logo,

> infância pode ser lida como uma categoria geracional, isto é, uma fase da vida específica. Porém, nos interessa outra dimensão da infância. A noção de que ela significa um





SUMÁRIO



> sentido humano, ao lado de olfato, visão, paladar, tato e audição. Infância seria justamente a possibilidade de produção de cosmosensações inéditas diante dos desafios da vida (Noguera, 2019, p. 63).

Assim, a infância se envereda em potência e pode circular por entre os corpos adultos e não-adultos (Noguera, 2019), de maneira que é preciso considerar que o ofício docente na educação infantil se encontra com estes registros, colocando um rol de singularidades neste fazer, de interesse ao campo clínico do trabalho, e ainda, de especial importância quando pensado no contexto pandêmico. Posicionamos que o trabalho com as infâncias leva as docentes a uma aproximação muito singular com a dimensão da infância, uma vez que, conforme Noguera (2019), são os corpos das crianças que entregam ao adulto maior *quantum* de potência de infância, por ainda encontrarem-se mais afastadas da lógica de mundo adultocêntrica que coloniza e intoxica a potência ontológica da infância.

Entendendo que no curso da pandemia a necessidade de isolamento e distanciamento social fez-se imprescindível perante as exigências sanitárias de saúde pública, vemos que desafios muito particulares foram postos no trabalho dessas profissionais, sobretudo no que tange à questão dos vínculos para o exercício docente na educação infantil, fazer esse muito mobilizado pela questão do corpo. Tais dificuldades podem ser fortemente vistas no trecho a seguir, do qual trata-se de um diálogo realizado em uma Roda de Conversa entre professoras da educação infantil e uma pesquisadora da equipe:

> **Rosa:** *(...) a gente via, assim, que tinha uma força muito grande, assim, da comunidade para que a educação infantil voltasse, entendendo, assim, que que outros da escola privada, principalmente, fez um movimento muito grande para que a escola infantil voltasse e a gente se depara vendo as crianças assim em muitas redes sociais, assim, crianças num quadrado, assim, separadas, brincando...*
>
> **Violeta:** *As fitas no chão...*





SUMÁRIO



Rosa: *Umas fitas, assim, demarcando, demarcando aquilo e nós assustadíssimas, pensando meu Deus...*

Violeta*: Que que eu vou fazer...*

Rosa: *Que que nós vamos fazer, porque a gente não tem...*

Begônia*: Nada, não tem nada, não tinha a ver com o que se acreditava com relação à educação infantil.*

Violeta: *Nada, nada.*

Begônia*: Eu não vou voltar nesses moldes. Isso é uma violência.*

Violeta: *A criança e os Legos na mesa gente...*

Begônia: *Isso é uma violência.*

Violeta: *Nem tem mesa na minha sala.*

Rosa: *Eu fico com essa individualidade de materiais porque a gente trabalha muito com tudo muito socializado, as crianças, muito no coletivo né, e nós apavoradas, assim, porque não tinha essa orientação e nós, meu Deus, né, como é que nós vamos fazer com as crianças dentro de uma sala. As máscaras também nos assustavam muito, as crianças de máscara, a gente de máscara, com face shield, com com vários, né. Toda paramentada...*

Violeta: *Eu tinha colegas que usavam avental, avental, e eu de avental gente é uma coisa que...*

Rosa: *Porque assim, o...*

Violeta: *Parecia um astronauta.*

Rosa: *Ai, olha foi um... que momento. Desculpa,* ***Violeta,*** *mas...(...)*

Begônia: *Eu acho, Pesquisadora*[5]*, que é mais que o nosso sentido de pertencimento, ele, ele foi afetado porque no momento em que aquilo, eu não me reconheço naquilo*

5 Onde consta "Pesquisadora", a professora participante da pesquisa chamou esta pelo nome.





SUMÁRIO



enquanto docente, enquanto professora o meu sentido de pertencimento também, enquanto aquele espaço formadora daquele espaço se perde e eu lembro que nós fizemos uma um momento de tirar todos os materiais, e eu lembro que eu olhei para minha colega, eu lembro que as minhas lágrimas escorriam e eu dizia assim, eu não sei trabalhar assim, eu não sei trabalhar assim, eu dizia para ela e eu muito emotiva, chorava, e tirava os materiais, e chorava, e tirava os materiais então, assim, onde há necessidade de nós nos sentirmos pertencentes ao ofício, porque eu acho que o professor tem muito isso, nós acreditamos no que nós fazemos, enquanto, enquanto a aprendizagem, como a ***Tulipa*** *falou, enquanto vínculo social, enquanto formação social para o mundo, né, a gente acredita muito na função social do professor e quando a gente...*

Rosa: *E relevância eu acho, também, né,* ***Violeta****. Qual é a relevância da educação infantil, né, gente, é acolher.*

Pesquisadora: *Como é que é,* ***Rosa****?*

Begônia: *Tudo foi colocado em xeque quando nos mandaram trabalhar desta maneira e aí o teu sentido de pertencimento acabou. Eu não pertenço a isso e isso não pertence a mim, ao meu trabalho, né, então por isso que foi traumatizante.*

O trecho do diálogo trazido acima coloca muitos elementos analíticos interessantes do ponto de vista clínico do trabalho. A professora "posta em xeque", é uma professora que se sente atacada, sob ameaça e quando essa expressão aparece próxima ao sentimento de não pertencimento por "não saberem trabalhar assim", como dizem, colocam em cena a importância do gênero profissional (Clot, 2010), esse um estoque para agir gerado no exercício do trabalho como atividade. A pandemia, do ponto de vista da experiência do trabalho, trouxe imprevistos que se por um lado suscitaram modos insuspeitos de trabalhar até ali, ao mesmo tempo, produziu intenso mal-estar e sensação de perigo diante de situações para as quais faltava recursos, do coletivo, para alimentar a ação. No entanto, o fluxo do diálogo





SUMÁRIO



permite-nos acompanhar que é justamente das crianças que vêm os elementos para essas professoras rearranjarem, ou dito de outro modo, agenciarem as forças capazes de engendrar um trabalho e uma saúde pelo trabalho.

Segue abaixo a sequência do diálogo:

> *Quando eu voltei, eu reencontrei as bebês, né. Então tem dias que eu olho pra elas, assim, e agradeço muito pra elas, por elas, assim, porque elas trouxeram muita vida pra gente, assim. Muita vida pra mim e as gurias, elas trazem muita vida. Então a gente brinca, a gente é feliz, e... e... a gente tem muitos parceiros ali, no dia a dia, muito legal, que a galera do fundão e nós meninas que estamos envolvidas com as crianças pequenas, assim, né. A gente tem uma parceria muito grande.*
>
> *Quanto tu tem uma gestão que te apoia, que te acolhe, que te respeita as coisas fluem muito bem, né, e esse pertencimento que a **Violeta** fala, eu compartilho com ela, né. A nossa gestão, assim, ela... ela permite que a gente possa voar, assim, né. Que a gente possa, no meu caso, trabalhar com os bebês com liberdade, a **Violeta** no Jardim, né, com as crianças, fazendo o trabalho dela, e junto com a **Azaleia** também, as meninas em função do Jardim, então isso facilita muito as coisas, assim, né, e eu não sei como é que pode dizer isso, né.*

Entre os motivos para o exercício da profissão na educação infantil, o principal mencionado pelas professoras com as quais conversamos "*é a vida*" que os bebês trazem na relação cotidiana, aspecto proximal à infância de Noguera (2019); e o outro se refere às composições coletivas realizadas com suas parceiras de ofício na escola, aspecto que Clot (2007) sustenta como um pilar importante de saúde no trabalho: o coletivo, a rede de colegas que produz escolta e dinâmica afetiva.

"Juntas" é lugar, é espaço com significado emocional para as professoras, é nele que percebem a potência de suas experiências





SUMÁRIO



profissionais, podendo ainda habitar um tempo infantil. Interessa-nos de maneira peculiar esse tempo infantil, já que ao nosso ver, ele diz respeito a um tempo aiônico, o tempo do devir, da intensidade, do qual será melhor esmiuçado ao longo deste texto.

Vislumbramos um "tempo infantil" como radicalmente distinto a um tempo de trabalho taylorista, por exemplo, onde perverte-se o tecido temporal com tarefas sequencializadas e, não raro, sobreimplicadas por parte de quem as executa. As professoras que nos contam parecem ocupar um outro tempo de trabalho dentro da educação infantil: o tempo da infância e das infâncias. Tempo de criação, tempo da surpresa, tempo do inaugural da vida. Tempo esse que diz respeito ao próprio conceito de trabalho como atividade formulado por Clot (2007), em que nessa micropolítica laboral, vivencia-se, através do poder de agir (Clot, 2010), um gesto de intensidade na feitura. É neste território que situamos a fala de nossas professoras da pesquisa. Dizem as nossas docentes que elas habitam a infância nos meandros da atividade na educação infantil.

A escola que acolhe as crianças e bebês e suas professoras é o espaço desse 'lugar-juntas', ou "[..] contextos de vida coletiva, [...] lugar da vida, tecida por vários fios juntos e em conjunto tramado e constituído pela ação do eu com o outro e do outro, e que supõe estar em contínuo exercício de construção. Enquanto que, neste contínuo, juntos colhem e acolhem aprendizagens e descobertas sobre si, sobre os outros e sobre o mundo" (Fochi, 2013, p. 25). Se a escola enquanto espaço de viver junto na pandemia "sumiu", como dizem as professoras em histórias postadas na plataforma[6], podemos dimensionar o impacto subjetivo da experiência daqueles dias pandêmicos.

Foram muitos os esforços empreendidos pelas professoras para "realizarem" uma escola infantil a distância, enfrentando

6 Disponível em: https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/narrativa-de-antonia-a-escola-na-pandemia e em https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/as-aventuras-de-gloria-uma-profe-em-2030/ . Ver também no capítulo *Narrando com restos: desafios do ofício docente,* deste livro.





SUMÁRIO



dificuldades de recursos tecnológicos das mais diversas ordens, e, sobretudo, experimentando certo *nonsense* tendo em vista que o trabalho com crianças que estão frequentando a educação infantil exige, sobretudo, vínculo, presença, constância, e uma radical colocação de corpo na cena laboral. Um corpo docente que precisa, necessariamente, colocar-se como corpóreo, visceral e físico. As professoras da educação infantil precisam emprestar-se para a criança enquanto corpo físico e psíquico auxiliar, fundamental na constituição dos pequenos. *Nonsense* esse que ganha materialidade na expressão: "A gente não acredita em educação infantil remota", de maneira que trabalhar na educação infantil foi na pandemia uma operação complexa, perturbadora e com alto grau de imprevisibilidade, perpassada pelo signo do impossível.

Atuar na educação infantil implica uma mobilização da dimensão da infância naquela e naquele que nela trabalha. Nosso pensamento parte da compreensão de que se trata de um trabalho peculiar, uma vez que, conforme Fernandes (2025), a experiência laboral com crianças convoca (uma) infância na experiência, isso é, ver-se enquanto corpo trabalhador a transitar pelo território infantil: suas potências, criações, suas linguagens outras. Segundo Noguera (2019), sendo a infância um território de imanência e diferença, haveria uma operação que poderia nos colocar em posição de assumir o mundo como surpresa e convite: trata-se do conceito de infancializar, isto é, de colocar-se em estado de infância, acatar e receber essa potência com um corpo disponível a viver os meandros da diferença e da criação, em uma sensação de ineditismo, de ver o mundo pela primeira vez.

Nesta perspectiva, podemos pensar que a vida consiste em uma experiência brincante, e que o brincar diz de um modo extraordinário de vida, que se afirma com vigor nos corpos infantis e que quando de encontro com corpos docentes, possui a potência de ativar esse mesmo vigor nos corpos adultos, em uma certa micropolítica do trabalho com as infâncias. Nessa micropolítica, é preciso





SUMÁRIO



resgatarmos enquanto clínicas do trabalho, um tempo outro, onde a experiência de outrora criança se atualiza no gesto da atividade hoje. Por isso, ao criar o parentesco entre infância e trabalho, lançamos o nosso olho clínico a uma semelhança que se dá a partir de um gesto estético proximal a um gesto lúdico de reinvenção, do qual transversaliza o fazer do adulto, afirmando expressões que fazem do trabalho um acontecimento perpassado por um devir-criança. É isso que nos contam as professoras.

Tão logo, é preciso acriançar-se. A educação infantil é permeada por uma linguagem outra, tal seja: a linguagem do brincar. Para a criança, o brincar configura-se como experiência primordial de interação consigo, com o mundo e com os outros, sendo o brincar o próprio exercício de um constituir-se. No curso do ofício na educação infantil, as professoras veem-se envolvidas em adotar a linguagem brincante e corporal para a consecução de seu trabalho, e é nesta dimensão que a educação infantil a distância mostrou-se, para elas, da ordem do impossível, implicando sofrimento e experiência de sem sentido no trabalho remoto.

Dentro deste rol de singularidades de um trabalho com as infâncias, é preciso considerar que a dimensão do acriançar-se leva-nos a cartografar uma paisagem por entre o trabalho com a educação infantil e sua interlocução com o exercício de (uma) infância pelo corpo adulto que vive e se afeta com o ofício. Seguindo com Noguera (2019) na filosofia afroperspectivada, compreende-se infância enquanto uma dimensão aquém da cronologia, sendo por sua vez política de potência, memória e ancestralidade, sensação de ineditismo, imanência, diferença e criação. Ao acriançar-se, o adulto, no e pelo ofício, vê-se habitando o território da infância, tendo as crianças como veículo potente para isto, em um movimento que Deleuze e Guattari (2020) nomearam como devir-criança.

Devir-criança trata-se de involução criadora, processo do desejo, sendo seus movimentos pura relação de velocidade e





SUMÁRIO



lentidão, em que os afetos, seguindo a partir da filosofia espinosana, encontram-se abaixo ou acima do limiar de percepção, promovendo afetações nos corpos que se encontram. Para os autores, tem-se na criança alguém que para de ser sujeito para devir em acontecimentos, sendo o devir-criança uma intensidade de desejo proximal a um lampejo intensivo que aposta sua força no minoritário, no menor (Deleuze; Guattari, 2020).

Posicionar um devir-criança interpelado na experiência de trabalho com a educação infantil sugere lançar luz a um encontro singular com a infância, que se produz nos processos de feitura do trabalho, que envolve o corpo, encontro, inventividades, presença. Desse modo, vê-se que a consecução da educação infantil na pandemia coloca a dimensão do corpo como ponto nevrálgico da infidelidade do meio. Nos excertos, as professoras posicionam que o trabalho com infâncias é um trabalho corpóreo, em devir, inventivo e visceral, em uma junção inusitada, não corriqueira e prenhe de força entre as infâncias e os tempos infantis que ali se encontram.

Este tempo infantil, remete-nos a um tempo circular, tempo do devir, aiônico. Tempo este que se opõe ao futurismo e produtivismo adultizado e colonial, para devir no presente. Noguera (2019) diz que o tempo da infância leva em conta memória, presença e futuro tempo da infância não diz de um "estar criança", mas sim de uma experimentação de vida que reconhece que o presente tem que ser vivido em sua plenitude como condição genuína de existir, um modo de experimentação da vida que não despreza o passado. É neste registro temporal outro que podemos situar também o tempo da atividade, em que no agir se mobilizam forças inventivas que se sobrepõem ao tempo produtivista e de resultados, para devir em acontecimentos e criações.

As crianças transmitem vida. Abertura. A vida que as crianças transmitem para o corpo adultizado, ou seja, mais próximo e capturado às políticas capitalistas da vida, diz respeito à dimensão





SUMÁRIO



da infância e o do infancializar (Noguera, 2019), essa como política biofílica, força intensiva ligada ao devir, em que se perde a referência de sujeito e passa-se a habitar a fluidez da criação, do brincar, do modular realidades, inventar improváveis, usar o corpo para finalidades outras, as potências esquizo- da infância.

Ao observar uma criança em seu brincar, vê-se que esta estabelece uma instigante relação *sui generis* com o corpo e elementos que a circundam. Dramatiza a si e ao mundo; faz de conta ser o que não é; forja parâmetros de tempo e espaço, inventando outras experiências de ser e estar no mundo (im)possíveis quando fora do brincar; utiliza-se da multiplicidade de seus corpos inventando novos sons e musicalidades com a voz, gestos corporais, maneiras de posicionar o corpo; dá funções inusitadas a objetos corriqueiros, firmando relações e parentescos inéditos; expande todo o poder de seu corpo, estabelecendo trocas e diálogos com o "invisível" e ouvindo aquilo que não tem som. É possível vislumbrar uma liberdade de produção e modulação de vida no brincar, afirmação de um corpo que se organiza como palco de uma infinidade de devires e possibilidades. A isso, chamamos infância, e o trabalho com a educação infantil se encontra com isso enquanto conteúdo e experiência de trabalho.

POR ENTRE INFÂNCIA, ATIVIDADE E SAÚDE: ACONTECIMENTALIZANDO O TRABALHO DOCENTE

Pensar em devir-criança do trabalho, leva-nos a recorrer ao conceito de saúde no trabalho formulado por Clot (2010). Partindo de Espinosa (2008), pensa-se na experiência do trabalho como ofício em que corpos se mobilizam por entre afetos alegres e tristes, afetos que expandem a potência de agir ou que a diminuem. Entende-se





SUMÁRIO



que a produção de saúde se dá pela expansão do poder de agir do corpo que trabalha, envolvendo dimensões estilísticas e singulares. Em contrapartida, o adoecimento do trabalho surge quando há o impedimento da ação (Clot, 2010). Há, para Clot, uma dimensão corporal do agir na atividade, em um poder de reinvenção estética, corporalmente vivida no poder de ser afetado na atividade. "O esforço para desenvolver o poder de agir é inseparável de um esforço para elevar ao grau mais elevado o poder de ser afetado" (Espinosa, 2008 *apud* Clot 2010, p. 31).

Na esteira, a clínica da atividade vem propondo a concepção do trabalho enquanto ofício e atividade, definindo a prática laboral voltada para a expansão da potência nos corpos que trabalham, corpos mobilizados por entre afetos alegres e tristes (Clot, 2010). Assim, interessa ao campo o modo como os trabalhadores afirmam políticas do devir, ou seja, singularidades e ineditismos ao realizarem determinada tarefa; o que aponta para uma estreita relação com os processos existenciais e de criação que se envolvem na atividade. Importa ressaltar que o ofício não se trata unicamente de uma prática, nem de uma profissão, mas sim, uma discordância criativa, sendo nesse sentido vivo e necessariamente nômade (Clot, 2013).

Por essa via, a partir das pistas entregues pelas professoras participantes da pesquisa, bem como pelas formulações da clínica da atividade, faz-se necessário o tensionamento entre o sofrimento psíquico que a pandemia e seus novos processos de trabalho remotos implicaram para as professoras que têm nas infâncias seu território de atividade e devir no trabalho. Faz-se importante considerar que, conforme o relato citado anteriormente, há o signo do impossível que perpassou o ensino infantil de maneira remota, fazendo com que as professoras vissem em um mais além da infidelidade do meio, chegando até o território daquilo que não é possível executar. Em contrapartida, é quando retornam às aulas presenciais que as professoras contam do resgate da "vida" que pulsa ali naquele encontro entre crianças e colegas.





SUMÁRIO



Schwartz diz que "a atividade é vida. E a vida não pode se desenrolar sob o registro do estrito enquadramento, ou da estrita heterodeterminação, ou seja, do assujeitamento estrito ao meio; isso seria invivível" (Schwartz, 2010, p. 95). A partir desse conceito de atividade, vemos que a dimensão vital do trabalho, referida pelas professoras da educação infantil, entrega a quem trabalha a experiência do acontecimento.

Para Deleuze (1998), acontecimento não é exatamente o que acontece, mas é alguma coisa no que acontece, sendo o acontecimento livre das limitações de um estado de coisas, resultado da mistura de corpos, ações e paixões. Essa compreensão permite pensar que a dimensão da atividade diz respeito àquilo que emerge de forma intensiva e produz deslocamentos, aberturas, permeabilidades. A atividade é, portanto, algo que produz um efeito, um risco que se corre, uma aposta que se faz, um acontecimento que se vive a partir do plano imanente do encontro dos corpos na cena do trabalho. A dimensão da atividade, como visto, lança o trabalho para um registro aquém da instrumentalidade, e o acontecimentaliza.

> **Tulipa:** *A gente tá no fim de uma pandemia que é tão difícil, que é a pandemia, né, que eu encontro muita vida, assim, quando eu vou pra minha escola. Muita, muita vida, e ao mesmo tempo foi uma realidade, tá aqui nos olhos pra quem quiser ver, né, crianças com muita fome, a gente recebeu bebês com fome na escola, a violência doméstica aumentou muito, muito, então, eu vi, assim, bom, o estado devia dar conta disso, mas não dá, se exime sempre, né. Então somos nós professores que lutamos, né. Por aquelas crianças, pelas mães delas, né, famílias são representadas em sua grande maioria pelas suas mães, né. E é meio estranho isso que eu vou dizer, mas esse ano, na escola, assim, exercendo o meu ofício, assim, esse é um ano muito feliz pra mim. Por mais difícil que seja a pandemia, com todo esse caos que tá acontecendo nesse país, mas poder estar com as bebês, podendo estar com aquelas mulheres, acolhendo elas, com elas também sendo acolhidas pela escola, me faz muito feliz. Em meio a tanta tristeza, tanto*





SUMÁRIO



> *caos, assim, tanto descaso e miséria nesse país, mas hoje eu tenho certeza que eu tô no ofício certo, assim, amo o que eu faço e amo a minha escola. Muito mesmo.*

A Covid-19 causou dor, desalento, trauma, sofrimento e morte. As precárias condições de parte da população; a violência doméstica; as flagrantes e desnudadas infâncias vividas; a dificuldade de acesso às tecnologias; a inexequibilidade da casa ser escola; bem como a impossibilidade para a efetivação do trabalho docente da educação infantil foram alguns dos desafios enfrentados pelas famílias para manter o vínculo afetivo com a escola pública e vice-versa.

O vírus mortal decreta: escola é vida. Docência e infâncias são resistência e são estilização de modos de trabalhar. O "poder estar", presente na fala da professora, nos leva até essa dimensão acontecimental da atividade. É preciso ver que nos meandros do ofício, essas mulheres agem, indo além da mera prescrição, mas fazendo com que o ofício docente aconteça e se acontecimentalize por entre tantas vidas: as delas, das crianças e famílias. A pandemia coloca-se como cenário de horror e trauma, e o ofício, a atividade e o encontro se fazem dimensões de saúde, de expansão do poder de agir, conforme postula Clot (2010).

O trabalho acontecimentalizado e prenhe de sentidos está mais para além do capital, ele chega até a face da inventividade da vida, sua criação, as estilizações e acontecimentos. Essa micropolítica trata-se, portanto, de (uma) infância na experiência laboral com as crianças (Fernandes, 2025).

Segue a conversa e comenta a pesquisadora:

> *Outra coisa que me chamou muito a atenção, uma outra dimensão, também, importante aqui, e que tu referiste é que a violência doméstica aumentou muito, e a gente sabe também que alvos da violência doméstica em geral são mulheres e crianças, né? Então tu tá falando de uma força que vem de pessoas que, né, que vivem numa*





SUMÁRIO



condição, né de violência e limite. E ainda assim tu ressaltas, é dali que eu tiro força, então tu tá falando umas coisas muito importantes e que dizem, né, muito desse ofício, né, especialmente o de vocês. Que é o de estar na educação infantil. Que eu volto a dizer, agora o verso inicial, ***Violeta,*** *antes de tu chegar,* ***Tulipa,*** *a gente começou, ali, a se falar, e veio essa coisa de tá, mas nós somos da educação infantil, nós não somos do ensino fundamental, e a pesquisa a princípio se dirige para esse público, e a gente foi vendo, o trabalho de vocês trabalha talvez com o cerne desse ofício, que é essa coisa do vínculo, essa coisa de uma potência do encontro, que inclusive deixa vocês, assim, o que vocês fazem não é exatamente previsto por um tempo do cronograma, do conteúdo, é muito da hora, e da relação, de um modo de relação. E um modo de continuar vivo, né, e continuar viva, então isso aí, eu... pra mim ele é chave, assim, no permear o ofício docente em qualquer nível que a gente esteja conversando. Eu achei muito lindo também tu trazer a história, né, mais uma professora de uma família de professores. Eu tô... vocês estão me fazendo pensar em mim fortemente, aqui.*

Afirmar uma infância no ofício, é, portanto, experienciar o acontecimento do devir-criança no trabalho, este que se opõe radicalmente a uma lógica de trabalho taylorista, do qual tem-se a prescrição da tarefa a ser cumprida pelo trabalhador, em gestão voltada para políticas de controle e supressão de variações e desvios daquilo que é prescrito. No que tange ao aspecto da resistência, (uma) infância na experiência de trabalho diz respeito, primordialmente, a uma movimentação contracolonial. Para Noguera (2019), infância é força aquém à lógica de aniquilamento e colonialidade que funda nossas bases sociais. A professora utiliza do poder da infância como sua arma de guerra no contexto laboral da educação de crianças, utiliza-a como ferramenta de poder de agir, de afirmar ali uma criação própria; um estilo, a afirmação de uma filiação, transmissão, ancestralidade, vida e saúde. Vemos na fala da professora que a narrativa acerca do trabalho perpassa uma narrativa de vida, levando-nos a





SUMÁRIO



cartografar uma dimensão de trabalho que é, também, eminentemente subjetiva e afetiva.

O trabalho com uma pretensão de mudar o mundo, e não apenas de senti-lo, impele a uma relação ética e estética com o saber e a compreensão do sujeito da experiência como um território de passagem, lugar aonde as coisas chegam e ficam, marcam, afetam, e por isso, a necessidade de uma passividade feita de paixão. O sujeito da experiência é aquele que se expõe a ela (paixão). Pensar o saber da experiência baseado no sentido e sem sentido do que nos atravessa, ética como um modo de se conduzir no mundo e o estilo uma marca pessoal (Bondía, 2002). O trabalho com as crianças pequenas considera tempo aiônico, espaço e materiais próprios para ocorrer e o(s) sujeitos(s) das experiências – bebês, docentes, famílias.

O tempo aiônico se dá através do conceito de devir-criança, a noção de uma infância afirmativa, sendo esse um conceito a-subjetivo, a-pessoal e afastado da cronologia da infância, afirmada desde uma outra temporalidade, interrompendo a ordem cronológica instituída. Trata-se da afirmação de um plano que é imanente, sendo espaço revolucionário e de transformação, máquina de guerra contra o Estado e o capital, habitando linhas de fuga, movimentos dissimiles, perturbações, quebras, rupturas, mudança de ritmos dentro de um mundo que não comporta a infância (Deleuze; Guattari, 2020).

Acessar o devir-criança é entrar no campo da experimentação e das possibilidades, não aceitar a estratégia de infantilização[7], subverter a lógica adultocêntrica e abandonar a máscara que impõe limites, doméstica e desencoraja (Ferraz, 2019). Para a autora, a ruptura promovida pelo devir-criança retoma a criatividade e as

7 Referimo-nos ao termo infantilização indo ao encontro de Guattari e Rolnik (1996) quando formulam que o capitalismo opera pela via da infantilização dos corpos, destituindo-os de saber e consciência. Reiteramos que este termo se opõe radicalmente ao conceito de infancialização, postulado por Noguera (2019), esse último indicando acesso para a multiplicidade e para uma política de vida biofílica.





SUMÁRIO



capacidades de percepção e de afeto que o indivíduo possui, antes de ser modelizado pelos equipamentos produtivos, isto é, antes de ser infantilizado (Ferraz, 2019).

A equipe pesquisadora pergunta às professoras, a partir da fala de uma professora que indica as dificuldades vividas na pandemia, que diz: *"...mas tem algo lá no meu trabalho que me segura".* E a professora prossegue:

> **Tulipa:** *As bebês, as bebês sem dúvida nenhuma, as amigas, parceiras, que eu tenho ali junto com as bebês, né, a gente se apoia muito, a gente vive muito aquilo, com muita intensidade, assim, muita brincadeira, a gente é muito brincalhona, e a criança é brincadeira o tempo todo, né, e é isso... as mulheres, poder estar com essas mulheres, ajudando elas e escutando as histórias delas, acolhendo elas. São esses fatores, as bebês, as minhas amigas, minhas parceiras, de... de... de jornada, na verdade, as mulheres, e a escola, né, a escola que abre esse espaço pra cada uma de nós, na sua individualidade, possa oferecer aquilo de melhor que pode ajudar as crianças, né. Então são esses fatores.*

A resposta da professora parece abrir uma linha dialógica de que a força vem do meio que fazem com as crianças, meio como zona expansiva da potência de ação. Considerando-se um ofício pelo qual as crianças o compõem forte e intimamente na relação corporal com as docentes em atividade, haveria algo na condição dos bebês que ativa um modo particular de análise e vivência do trabalho entre essas professoras? Cuidar de bebês é se ocupar de um receptáculo de mundo que necessita fortemente que a ele seja "emprestado" um tanto de vida, de referenciais simbólicos, de desejo vital, de cuidado com higiene, alimentação e tantos outros.

Haveria ali, nesse fazer, peculiaridades no que tange a uma ativação de vitalidade e saúde no trabalho? De que modos esse encontro entre criança e corpo docente adulto ativa devires e estilizações importantes para se pensar em uma clínica do trabalho?





SUMÁRIO



Também é de peculiar interesse ao campo clínico do trabalho, pensar que o ofício docente com crianças permeia fortemente o território do brincar dentro de sua micropolítica do trabalho. Como nos conta a professora, o brincar é expressão de uma certa "vida" que ali naquele encontro se mobiliza para essas mulheres.

Segundo Fernandes e Amador:

> Sendo o brincar uma espécie de linguagem da criança, vê-se que essa dimensão é constantemente colocada nos processos de trabalho dessas profissionais, uma vez que para realizar a consecução de seu ofício, veem-se na iminência de adentrar, em devir, ao território de corpos brincantes, o que compõe o rol de singularidades nos percursos laborais (Fernandes; Amador, 2025, p. 4).

Posiciona-se então o brincar como dispositivo em que o corpo sedia o lugar de uma experiência de liberdade, de investigação de mundo e esperança, em que se tem a máxima expressão de uma vida não utilitária, afirmando políticas comunitárias, memórias ancestrais, linguagem e ritualização pela via de políticas de vida e inventividade (Rufino, 2023). O brincar trata-se de um "imperativo da vida" (Rufino, 2023, p. 19), assumindo caráter tático nas políticas de vida, ele se faz na emergência de movimentos, tempos e espaços não dominados por uma lógica bancária, hegemônica e de sentido utilitário (Rufino, 2023). Brincar é aqui, criação de inícios, recriação de mundo que ocorre em uma temporalidade que não é a do tempo cronológico, mas sim, de um tempo que é marcado pela experiência de intensidade que marca a criança em sua infância (Kohan, 2007).

Quando as crianças transformam uma folha lisa em um barco ou avião, por exemplo, manipulam a função primeira do objeto, forjam uma nova história, surpreendendo-se a si, e não raro, ao adulto que acompanha sua experiência infantil. É através desse processo, que Noguera (2020, p. 4) vai afirmar que a infância, com sua "dádiva brincante fora do comum", pode traduzir certo milagre cotidiano e inesperado de poder estar à frente de uma reinvenção,





SUMÁRIO



uma vez que a infância é a emergência de um acontecimento que interrompe um fluxo corriqueiro das coisas do cotidiano, convidando a reinventar o mundo e traduzindo certo milagre (Noguera, 2019). Com sua maneira privilegiada de perceber e interpretar o mundo, a infância põe a morte para dançar em capacidade extraordinária de dar sentido à vida. Através dessas nuances, tem-se aspectos relativos ao infancializar.

A criança é sujeito da experiência, faz-se nascente. No brincar, aciona ação, imaginando, criando e recriando cultura. Com suas criações, a criança apresenta-se em capacidade de autoria. A criança brincando e afortunando-se de experiência infantil é, nesse sentido, um acontecimento, uma potência que resiste ao controle, e ainda, cria novos inícios (Rosa; Ferreira, 2020). Afirmando um corpo que é núcleo de alegria, na brincadeira, o corpo opera em movimento contínuo e inacabado, sem permitir fixar-se em uma única coisa. Ainda, esse corpo convoca o outro para a relação, para o jogo (Rufino, 2023).

A equipe pesquisadora recupera o dito antes pelas professoras: que as crianças estão sempre brincando, e frente a isso comenta a respeito da potência que existe no brincar. Brincar como mobilização da imaginação, como possibilidade de criar mundos, como experiência de expansão de uma possibilidade de criação de mundos, o que vem a ser muito importante do ponto de vista da produção da saúde no próprio campo laboral com as crianças, esses seres-brincantes que nos dizem coisas a respeito dos modos de conduzir a vida.

No rol de singularidades que o trabalho com a infância coloca, sobretudo ao levarmos em conta os aspectos estrangeiros que a criança porta em si, o devir-criança do trabalho leva-nos a compreender que os trajetos das crianças sugerem uma via intensiva que pode chegar ao adulto no curso de seu ofício. Em cada gesto das professoras para com as crianças, é relançada para a cena a dimensão da atividade em proximidade ao brincar das crianças, onde o





SUMÁRIO



gesto estético da atividade pode, do ponto de vista da potência da infância, nos remeter a uma aproximação ao gesto lúdico da criança. A isso, referimos uma infância na experiência laboral, elemento que pode ser tramado com conceitos clínicos do trabalho, sobretudo ao conceito de poder de agir (Clot, 2010), onde o relançar algo de si na cena laboral, pela via do gesto, mobiliza os planos autopoiéticos do ofício (Clot, 2007).

Giorgio Agamben conceitualiza o gesto como uma potência em ato, natureza e maneira, contingência e necessidade, um cristal de memória histórica. Para ele, no gesto não se produz, nem se age, mas se assume e suporta o ínterim de uma duração, já que o gesto acontece, e abre o *ethos* como esfera mais própria do homem (Agamben, 2008). Assim, o gesto não é um meio dirigido a um fim, mas é um movimento que tem em si mesmo o seu fim. Para exemplificar, Agamben utiliza do exemplo da dança como dimensão estética para seguir afirmando o gesto como medialidade, tornar visível um meio com abertura para a dimensão ética. "O gesto é, na sua essência, sempre gesto de não se entender na linguagem" (Agamben, 2008, p. 13). As concepções acerca do gesto nos levam a seguir tecendo que este se trata, portanto, de um movimento, trajeto que rende um *quantum* a mais de potência, sendo o gesto estético, um escape da vida que irrompe ali onde ela fica mais escassa.

Brian Massumi vai teorizar a respeito do gesto lúdico, ou seja, do brincar e sua relação proximal com o gesto estético de vida para a criança que brinca, ou até mesmo para o filhote de lobo que brinca (Massumi, 2021). No gesto lúdico, há uma força de passagem que induz a uma mudança qualitativa na natureza da situação, liberando uma força transindividual e performativa, fazendo da brincadeira algo feito de gestos performativos que exercem o entusiasmo do corpo e o afeto da vitalidade da brincadeira. Assim, a brincadeira adquire valor de excesso, uma mais-valia de forma ativa com o viver, um rendimento estético da atividade. A brincadeira é, portanto, pertencente à





SUMÁRIO



dimensão estética, é uma atividade de excesso em relação à função. A própria vida é irredutível ao rendimento estético (Massumi, 2021).

Nessas facetas, também vamos vendo que se brinca para viver, para afirmar um *quantum* de potência vital em uma determinada tarefa, excedendo sua função e indo além, muitas vezes, da instituição. No trabalhar, o conceito de atividade mostra-nos que se trata desse mesmo movimento, ou seja, o gesto estético laboral que vai afirmar um agir, arranjando afetos alegres, saúde e sentido para um trabalho, afirmando desse modo, a função psicológica do trabalho (Clot, 2007; 2010), excedendo a tarefa. Assim, nesse modo de compreender, o gesto estético do trabalho assume a função de um rendimento no trabalho.

Sendo o brincar espécie de linguagem da criança, vê-se que essa dimensão é constantemente colocada nos processos de trabalho dessas profissionais, uma vez que para realizar a consecução de seu ofício, veem-se na iminência de adentrar, em devir, ao território de corpos brincantes, o que compõe o rol de singularidades nos percursos laborais. Logo, tem-se algo do infantil que emerge na cena do trabalho, tira sua instrumentalidade, e convoca o adulto a uma outra forma de operá-lo e vivenciá-lo. Como uma força que irrompe, a infância coloca questões para o corpo adulto trabalhador, e leva-o a percorrer outros trajetos afetivos, muitas vezes inéditos, surpreendentes, criativos, mobilizadores e poéticos.

No contexto pandêmico, de vida escassa e minguada, vislumbramos nas narrativas das professoras aquilo que resta, essa mais-valia, aquilo que se faz insistir: a dimensão infantil e brincante colocada nos microprocessos de trabalho. Na contramão, o afastamento dos corpos, e tão logo a interrupção de tais dimensões, já que conforme as professoras, educação infantil a distância se situa no signo do impossível, colocou-se como registro de adoecimento, impossibilidade, contrição da ação, revelando que o coração de seus ofícios com as crianças se impele com corporalidades.





SUMÁRIO



SEGUIR BRINCANDO, TRABALHANDO E DIZENDO...

Contar, imaginar, ficcionar, escrever, foram movimentos instigados por nossa pesquisa e construíram dispositivos de sustentação da memória em curso. Antelme (1957 *apud* Seligmann-Silva, 2008) diz que a imaginação se apresenta como meio para enfrentar a crise do testemunho, servindo de arma para auxiliar o simbólico e para enfrentar o real do trauma. A imaginação é meio para narrá-lo na perspectiva do testemunho. Este é híbrido de singularidade e de imaginação, oscila entre a literalidade traumática e a literatura imaginativa, é uma modalidade de memória que se produz em conjunto com a imagem.

Por essa via, entendemos que ao ouvir o que dizem as crianças e o que dizem as professoras dessas crianças acerca do trabalho com a educação infantil em contexto pandêmico, situamo-nos como receptáculos dessa experiência muito singular de trabalho, e sua face traumática e impossível de se executar quando se está longe dos corpos. O dizer aqui, faz-se meio para acessar uma multiplicidade de questões envolvidas na docência com a educação infantil, faz-se testemunho e possibilidade de contar mais uma história, conforme nos ensina Krenak (2019). Assim, articula-se uma aposta clínica em direção a um devir-criança do ofício, colocando um estado de infância em exercício (Noguera, 2019), para que a potência da infância possa ser cada vez mais motor de estilizações, devires, dizeres, histórias, testemunhos e o que mais puder advir.

Já que o adulto-trabalhador se vê às voltas de gerir a infância que emerge na cena do trabalho e coloca questões em sua microgestão, faz-se interessante cultivar uma potência contra-colonial em um "outro" encontro das professoras com a infância, levando-as a acessar uma zona de encontro e emergência com





SUMÁRIO



potencial de lançar seus corpos aos devires e estilizações no ofício docente, mesmo em meio ao trauma. Isso marca a vizinhança entre uma memória infantil e uma memória que é também do gênero profissional dessas atuais professoras, que já foram alunas.

Essas memórias e essas vozes e dizeres que se "escutam", atualizadas no trabalho atual, sugere-nos a compreensão do gênero profissional em aliança com Clot (2013), compreendendo este como um fio condutor que carrega a história prévia de um ofício, fornecendo território basal para a perpetuação de um fazer, e conseguinte produção de diferença a partir do que já foi feito. Quando as professoras nos dizem acerca de familiares que também foram professores, vemos essa articulação de planos memorialísticos ressoando no ofício dessas mulheres, e comparecendo enquanto testemunhos vivos e pulsantes nas narrativas da pesquisa e das infâncias.

Registros memorialísticos, ancestrais, infantis, primevos, afetivos e sentimentais estão presentes, e produzem efeitos poéticos e políticos na prática laboral do adulto quando em atividade com as crianças. Na transmissão das professoras na pesquisa, também "ouvimos vozes", mergulhamos na trama da rotina dessas profissionais, nas falas e histórias familiares, nos dramas cotidianos, no abismo traumático de ver-se situados no signo do impossível. Juntamente dessas vozes que se colocaram no fluxo fala-escuta clínica do trabalho na pesquisa, construiu-se uma própria voz enquanto coletivo de trabalhadoras em agenciamento, buscando tecer fios analíticos e interventivos nas terras de infância e trabalho em meio ao cenário de pandemia.

Aquilo que rende esteticamente no trabalho, ou seja, a própria atividade em acontecimento, forja um território de criação, invenção e estilização no trabalho, similar aos acontecimentos da infância, que pelo brincar, cria, modula, inventa e passa a habitar outros mundos possíveis. Essa aproximação nos é interessante do ponto de vista clínico do trabalho como atividade, uma vez que arranja uma





SUMÁRIO



cena gestual onde a criança se afirma através do gesto lúdico que a constitui, e o adulto no gesto estético do trabalho que lhe rende energia vital no labor. A infância é, portanto, uma força criacionista e ontológica que transversaliza corpo discente e docente, e convida o corpo adulto ao agenciamento de devires no trabalho. A criança ser brincadeira o tempo todo remete a uma atividade que se desenrola no brincar, pura expansão do poder de ação!

Por fim, este escrito percorreu a dimensão da infância e do brincar presente nos microprocessos de trabalho docente com a educação infantil, situando a infidelidade do meio que se colocou no curso da pandemia, produzindo rupturas e perda de sentido dentro desse fazer muito específico e corpóreo. Vimos, através dos dizeres da pesquisa, que ainda que se faça impossível e impensável, há sempre um pequeno fio de acontecimento, de diferença, de vida que se resgata e afirma. Por entre esse tramado narrativo, nossa aposta é que se faça possível seguir brincando, trabalhando e dizendo, contando histórias, criando memória, afirmando testemunhos, atravessando a dor do trauma, na e pela possibilidade da vida se fazer presente.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Notas sobre o gesto. **Revista Artefilosofia**, Ouro Preto, n. 4, p. 9-14, 2008.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho.** Petrópolis: Vozes, 2006.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CLOT, Yves. O ofício como operador de saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 16, n. especial 1, p. 1-11, 2013.





SUMÁRIO



CLOT, Yves. Introduction. Au de là de la pandémie, repenser le travail. *In:* CLOT, Yves; BONNEFOND, Jean-Yves; BONNEMAIN, Antoine; ZITTOUN, Mylène. **Le prix du travail bien fait.** La coopération conflictuelle dans les organizations. Paris: La Découverte, 2021.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 4. 1 ed. São Paulo: 34, 2020.

ESPINOSA, Benedict Baruch. **Ética**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

FERNANDES, Lívia Ricardo. **(Uma) infância na experiência, e uma experiência com as infâncias**. Cartografias clínicas do ofício docente na educação básica. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

FERNANDES, Lívia Ricardo; AMADOR, Fernanda Spanier. Uma infância na experiência e experiência com infâncias: cartografias clínicas do ofício docente na educação básica. **Revista Polis e Psique**, v. 15, 2025.

FERRAZ, Camila Benezath Rodrigues. **Devir-criança e infantilização pela rua Sete em Vitória (ES):** Narrativas para a ilha rever. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

FOCHI, Paulo Sergio. **"Mas os bebês fazem o quê no berçário, heim?":** documentando ações de comunicação, autonomia e saber-fazer de crianças de 6 a 14 meses em um contexto de vida coletiva. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** cartografias do desejo. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância:** ensaios de filosofia e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MASSUMI, Brian. **O que os animais nos ensinam sobre política**. São Paulo: n-1 edições, 2021.





SUMÁRIO



NOGUERA, Renato. Infância em afroperspectiva: articulações entre Sankofa, Ndaw e Terrixistir. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação- RESAFE**, n. 31, p. 53-70, 2019.

NOGUERA, Renato. Denúncias e pronúncias: estudos afroperspectivistas sobre infâncias e educação das relações étnico-raciais. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 01-22, 2020.

ROSA, Luciane de Oliveira; FERREIRA, Valéria Silva. O corpo brincante da criança. *In:* GONÇALVES, Jean Carlos; GARANHANI, Marynelma Camargo; GONÇALVES, Michelle Bocchi (orgs.). **Linguagem, corpo e estética na educação**. São Paulo: Hucitec Editora, 2020.

RUFINO, Luiz. **Ponta-cabeça:** Educação, jogo de corpo e outras mandingas. Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2023.

SCHWARTZ, Yves. Manifesto ergológico. *In:* BENDASSOLI, Pedro F.; SOBOLL, Lis Andrea P. (orgs.). **Clínicas do trabalho:** novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade. 1 ed. São Paulo, Atlas, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.